

Queridas Irmãs,

no caminho que faremos neste ano, pensei percorrê-lo com vocês, a partir dos inícios do nosso Instituto, quando, no Colégio de Mornese, viviam uma mulher extraordinária e um comunidade nas quais o Espírito Santo encontrou corações abertos e dóceis à sua ação.

[Este percurso] Quer ser uma pequena contribuição para o 150º aniversário do nosso Instituto, que nos recorda como ele foi plantado em um terreno santo e como suas raízes eram saudáveis e robustas.

Conhecemos primeiramente três jovens, que chegaram a Mornese contrariadas, acolhidas por madre Mazzarello e acompanhadas com mão segura, muito humana e, ao mesmo tempo, orientada a não obstaculizar a ação do Espírito em cada uma delas. A comunidade apenas iniciava o seu caminho e portanto, era aberta, entusiasmada, empenhada em viver o Evangelho radicalmente: uma comunidade alegre e acolhedora.

A primeira jovem é **Emma Ferrero**. Nascida em Turim no dia 2 de julho de 1859, é uma jovem que, junto à Madre Mazzarello e às irmãs da primeira hora, chega a um extraordinário percurso espiritual, vive uma história toda particular, luta e resiste antes de render-se ao dom que Deus lhe havia preparado.

Chega em Mornese enviada por Dom Bosco, no dia 7 de dezembro de 1877, com sua irmã Olivia. Tem 18 anos. Depois de sofrer um revés de fortuna, o pai já não pode mais conceder à filha a vida luxuosa na alta sociedade e pede ajuda a dom Bosco.

Emma consente de ir para Mornese e subtrair-se à vergonha da pobreza. A Cronistória anota: “É uma educanda que dá o que fazer”. Assim dizem as memórias: “Tem a revolta na alma ... é cortante e irônica quando o assunto é religioso ... come pouco, dorme quase nada; não trabalha, não reza; está sempre irritada, sempre apressada, sempre irremovível; não se preocupa com nada que não seja o seu baú”. Chega a Mornese uma carta suspeita endereçada a ela. A linguagem é ambígua. Dentro, há uma foto que esconde uma proposta de fuga. Madre Mazzarello intuindo o grande perigo, queima tudo.

A assistente, Irmã Enrichetta Sorbone, não consegue obter nada; procura, com todos os meios chegar até Emma, mas consegue somente suscitar a inveja das companheiras. Madre Mazzarello compreende que era necessária uma metodologia diferente e decide confiar Emma à Irmã Emilia Mosca.

Os primeiros frutos não tardam a aparecer. Emma promete à Irmã Emilia que se confessará: “Ainda fala pouco, mas se dispõe de boa vontade a quem lhe pede um favor, demonstra um apego especial ao seu baú, e frequentemente está lá e, muitas vezes, lentamente, tira seus guardados, quase com o respeito com que se venera as memórias; mas em seguida, tomada por uma espécie de revolta, devolve tudo para o seu interior, resmungando somente com sua irmã. ...” E a crônica continua dizendo que Emma “quase não participou das festas das educandas por ocasião do carnaval, mas parece ter abandonado aquela atitude desdenhosa de tempos atrás ...”

Quando dom Cagliero chega a Mornese, pede para confessar-se com ele.

Entre maio e junho de 1878 começa a fazer progressos na vida espiritual. “Já não recorre mais ao baú ... humilha-se. Não se vê mais caprichos, nem cara feia; passa o dia todo no tear, ativa e feliz. No recreio se entretém alegre com as companheiras e com Ir. Enrichetta, sem mais refugiar-se na contemplação dos pequenos ídolos do baú. ...”

Presta muita atenção às exortações da assistente, que na boa noite, prepara as jovens para um novo dia de amor operoso à Ssma. Virgem. Madre Mazzarello convida as irmãs da casa para ouvirem Ir. Enrichetta: “Se lhes for possível, ide ouvi-la; e depois me venham dizer o que colheram. Assim, sem que Ir. Enrichetta saiba, vamos

competir com as jovens, para ver quem consegue dar mais e melhor à Nossa Senhora”...

Um dia Emma entra em um buraco, deita-se e exclama: “Podeis cobrir-me de terra: não mereço outra coisa”. Todas compreendem que o Emma faz não é brincadeira e não está fazendo para ser vista.

Então, "sem saber se libertar do aguilhão do apelo celeste à vida perfeita, decide seu futuro com um ato de santa", arrasta o baú para o meio do pátio e queima tudo.

Depois “não sabendo mais como livrar-se do aguilhão do chamado celeste à vida mais perfeita, decide o seu futuro com um arroubo de santa”; arrasta o seu baú para o meio do pátio e aí coloca fogo em tudo.

No dia 6 de julho de 1878 obtém a graça de ser postulante. As educandas desconfiam que algo grandioso está amadurecendo nela. No dia seguinte, quando a veem entrar na igreja com o grupo das postulantes, dizem entre si: “Será uma religiosa santa! ”

No dia 20 de agosto de 1878 se torna Noviça, mas sua vida é breve; queimou as etapas no caminho da santidade neste ambiente que a recebeu e onde foi orientada, sem pretensões de mudanças rápidas nos seus ritmos pessoais, mas com indicações claras e espera paciente, sobre os valores inegociáveis da vida.

Sua doença é breve, mas o sofrimento é intenso. Em um momento de plena lucidez, alguém lhe pergunta se prefere viver ou morrer. Ela responde: “Tanto faz: se vivo, vivo para Jesus, se morro, morro por Ele”. Dom Cagliero a assiste e lhe pergunta se deseja ir para o paraíso e unir-se a Jesus. A resposta é um afetuoso: “Sim, padre!” Fixa o Crucifixo que ele lhe mostra, inclina a cabeça e morre depois de apenas dois anos de vida religiosa. É o dia 1º de março de 1880.

A santidade pedagógica de Madre Mazzarello e da sua comunidade deram os seus frutos.